

TRABALHO JORNALÍSTICO, PLATAFORMAS DIGITAIS E CAPTURA DE DADOS: os limites da independência nos arranjos alternativos¹

JOURNALISTIC WORK, DIGITAL PLATFORMS, AND DATA CAPTURE: the limits of independence in alternative arrangements

Roseli Figaro²

Claudia Nonato³

Fernando Felicio Pachi Filho⁴

Talitha Paratela⁵

Rayna Caroline Muniz Ramos⁶

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir como a trajetória de trabalho de jornalistas em arranjos independentes e alternativos aos conglomerados de mídia se transformou nos últimos anos. A hipótese de pesquisa é de que a plataformização e a datificação da atividade de trabalho tornaram esses arranjos de trabalho de jornalistas dependentes das lógicas impostas pelo modelo de negócio das empresas de plataformas sociodigitais, sobretudo, Google e Meta. A metodologia adotada para a pesquisa foi o estudo da organização e das formas de financiamento desses arranjos, para definir perfis e categorias analíticas, a partir dos quais foram escolhidos profissionais para as entrevistas. Os resultados obtidos comprovam a hipótese inicial e indicam contradições que levam a problematizar como se dá a datificação do trabalho e qual a validade de se manter a adjetivação de independência e alternatividade para esses arranjos de trabalho de jornalistas.

Palavras-chave: arranjos de trabalho; datificação do jornalismo; jornalismo independente

Abstract: This article aims to discuss how the career paths of journalists in independent and alternative arrangements to media conglomerates have transformed in recent years. The research hypothesis is that the platformization and datafication of work activity have made these journalistic work arrangements dependent on the logics imposed by the business model of socio-digital platform companies, especially Google and Meta. The methodology adopted for the research was the study of the organization and forms of financing of these arrangements, to define profiles and analytical categories, from which professionals were chosen for interviews. The result of the two research instruments confirms the initial hypothesis and indicates contradictions that lead to questioning how the datafication of work occurs and what the validity is of maintaining the adjective of independence and alternativeness for these journalistic work arrangements.

Keywords: work arrangements; datafication of journalism; independent journalism

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

2 Professora titular do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da ECA/USP. Coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT/ECA-USP). E-mail: roseli.figaro@gmail.com

3 Professora titular do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Mdiática da Universidade Paulista (UNIP). Vice coordenadora do CPCT/ECA- USP. E-mail: claudia.nonato@uol.com.br

4 Professor da Faculdade Engenheiro Salvador Arena. Pesquisador do CPCT/ECA-USP. E-mail: fernandopachi@gmail.com

5 Doutoranda em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Pesquisadora do CPCT/ECA-USP. E-mail: talithaparatela@gmail.com

6 Graduanda em Educomunicação pela ECA/USP. Bolsista de Iniciação Científica Fapesp (Processo: 2024/14466-6). E-mail: raynacmuniz@usp.br

1. Introdução

O jornalismo é uma atividade em disputa sobre sua finalidade, relevância e impacto social. Grande parte das pesquisas e discussões que tratam do tema focam a qualidade do produto jornalístico a partir de parâmetros que destacam a linha editorial, a abrangência das fontes, o compromisso com a democracia e com a liberdade de expressão. Outro aspecto bastante tratado são aqueles vinculados às tecnologias e como o jornalismo se adapta aos novos formatos.

Essas abordagens são relevantes e contribuem com o conhecimento sobre o jornalismo. A perspectiva que aqui será tratada, no entanto, é a do trabalho. Não exatamente uma perspectiva sindical, o que também é relevante e faz falta. Trata-se de estudar o trabalho do jornalista e o jornalismo na perspectiva de comunicação e trabalho (Figaro, 2008; 2018). Isso quer dizer que a pesquisa sobre o trabalho do jornalista é estruturada teórica e metodologicamente entendendo o campo da comunicação como o lugar adequado para estudar o trabalho, porque comunicação e trabalho fazem parte da ontologia do ser social (Marx, Engels, 2007; Lukács, 2012). Traduzindo para a aplicação na pesquisa, entende-se que, ao estudarmos o trabalho do jornalista na perspectiva de sua estruturação, relações de produção e formas concretas de organização, suprimos uma lacuna na compreensão das efetivas possibilidades de contribuição que esse campo do conhecimento pode dar à sociedade.

Há algum acúmulo de conhecimento sobre essa abordagem, tanto por meio das pesquisas que destacam o perfil e as condições de trabalho de jornalistas (Mick, Lima, 2013; Lima, Mick, Nicoletti, 2021; Figaro, Nonato, Grohmann, 2013; Lelo, 2019; Nicoletti, 2019; Chadha, Steiner, 2022; Nicoletti, Figaro, 2023, entre outros), quanto outras que destacam as transformações tecnológicas e as consequências da plataformização do jornalismo (Bell, Owen, Brown, Hauka, Rashidian, 2017; Sebbah, Sire, Smyrniaios, 2020; Jurno, D'Andréa, 2020; Figaro, Silva, 2020; Longhi, Silveira, Paulino, 2021; Kalsing, Gruszynski, 2021; Barros, Marques, Kinoshita, Moliani, Silva, Grohmann, 2021).

Na perspectiva de comunicação e trabalho, desde 2016, estudamos o que definimos como arranjos⁷ alternativos e independentes de trabalho de jornalistas. Esse conceito, elaborado a partir de pesquisas empíricas realizadas pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, permite compreender a existência de pequenos arranjos de trabalho, nos quais, devido à maior disponibilidade das ferramentas digitais, os profissionais se organizam para criar um veículo de comunicação.

Tais arranjos também são fruto de um cenário de crise dos modelos tradicionais de negócios das grandes mídias (Charron; De Bonville, 2016; Mick; Tavares, 2017; Christofolletti, 2019), do desemprego e da precarização estrutural do trabalho. Neste contexto, não se pode dissociar as mudanças observadas na organização, nas atividades e no regime de trabalho fora do espectro de uma desestruturação relacionada à própria crise do capital em seu processo de subsunção do trabalho vivo por meio de inovações tecnológicas e gerenciais (Souza, 2018; Kikuti, 2025). Assim, a busca por autonomia e sobrevivência profissional é a saída encontrada por jornalistas que desejam dar continuidade a suas atividades (Figaro; Nonato, 2021). Entre 2016 e 2018, identificamos 70 desses arranjos atuando em São Paulo, capital (Figaro et al. 2018). A metodologia de estudo adotada contou com levantamento das informações dos veículos, nos respectivos sites e redes sociais, para compor um perfil, identificando as equipes de trabalho, as formas de organização, o financiamento, a periodicidade e o tipo de produção jornalística. Buscou-se ainda saber se aqueles trabalhadores consideravam o veículo jornalístico criado por eles como alternativo, independente, inovador, coletivo ou cooperado. A adjetivação de alternativo e independente ganhou maior adesão e o sentido a elas atribuído foi o de contraposição aos grandes conglomerados comerciais de mídia. Ou seja, os profissionais se identificavam como produtores de um jornalismo que se posicionava como independente ou alternativo às empresas jornalísticas tradicionais. É importante destacar que a identificação de alternativo ou independente na esfera dos veículos jornalísticos já motivou inúmeras discussões e produções científicas (Kucinsky, 2003; Lévêque, Ruellan, 2010;

⁷ O conceito de arranjos de trabalho foi forjado durante pesquisa desenvolvida pelo CPCT-ECA-USP entre 2016 e 2018. O conceito de arranjos econômicos do trabalho dos jornalistas significa uma possibilidade de o trabalhador se arranjar, isto é, de organizar o trabalho de forma alternativa e independente aos conglomerados de mídia. Tal possibilidade se apresenta devido aos meios de produção digitais, móveis e mais baratos. “[...] é produtiva a ideia de que os novos arranjos econômicos do trabalho do jornalista podem se configurar, na região da Grande São Paulo, em uma rede de troca de experiências, apoios e solidariedade em prol da produção de um serviço fundamental para a democracia em nossa sociedade. O jornalismo está para além das estruturas e lógicas do grande conglomerado de mídia.” (Figaro, Nonato, Pachi, 2018 p.103)

Peruzzo, 2008; Cervera-Marzal, 2015; Ferron, 2016; Pachi Filho e Moliani, 2017; Filho, 2018; Silva e Oliveira, 2023), devido aos conflitantes resultados advindos das pesquisas, adotamos o critério da autodeclaração sobre a relação do jornalista do arranjo e a forma de sua identificação.

O estudo detalhado do perfil dos 70 arranjos de trabalho de jornalistas permitiu-nos agrupá-los a partir do tipo de produção jornalística e da forma de financiamento⁸. Constituímos seis núcleos e escolhemos 26 deles para visitar, fazer entrevistas e, posteriormente, dois grupos de discussão. Esse fino levantamento sobre como era o trabalho nesses arranjos jornalísticos, levou-nos a concluir sobre a relevância deles para a sociedade, pois ofereciam pautas com abordagens plurais e diversas, sobretudo, em momento tão conturbado da vida nacional, muito embora as condições de trabalho fossem bastante difíceis, jornadas estendidas, ganhos irregulares, equipes pequenas e multifuncionais. O empenho deles em fazer jornalismo voltado a pautas e públicos específicos permitiu afirmar a necessidade de políticas públicas voltadas a garantir a sustentabilidade desses arranjos de trabalho de jornalistas.

Em 2020, a chegada da pandemia de Covid-19 trouxe novos cenários. Foram dois anos e duas pesquisas sobre *Como trabalham os comunicadores no contexto da Covid-19?* As duas rodadas de pesquisa mostraram que os comunicadores e os jornalistas estavam trabalhando e estavam inventando como trabalhar para levar informação de confiança à população. Os arranjos de trabalho de jornalistas também estavam nessa trincheira. Todos estavam online. Dois anos enfrentando essa realidade e o aprofundamento da necessidade de uso das ferramentas digitais trouxe ao final desse período uma nova realidade: poucos voltaram a constituir sedes, as equipes procuraram se especializar no uso de ferramentas digitais, buscar novos nichos de atuação e produção jornalística. A dependência de ferramentas de plataformas digitais, que prescrevem padrões de produção, formas e modos de circulação dos produtos jornalísticos mostrou-se uma realidade incontornável.

⁸ Toda essa discussão está detalhadamente tratada em várias publicações; aqui reportamos além da já citada, o livro que traz o resultado completo da pesquisa: Fígaro, R. (org.) *As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*. São Paulo: ECA-USP, 2018. Disponível em: https://comunicacaoetrabalho.eca.usp.br/publicacoes_cpct/as-relacoes-de-comunicacao-e-as-condicoes-de-producao-no-trabalho-de-jornalistas-em-arranjos-economicos-alternativos-as-corporacoes-de-midia-2/

Aqui começa o problema de pesquisa a ser discutido neste artigo. A pergunta que motivou nova investigação sobre os arranjos de trabalho de jornalistas foi a de saber se a plataformização da mídia (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020) e dos arranjos impactou a produção e a organização desses veículos? Como os processos de trabalho acontecem, o tamanho das equipes, a especialização ou a desespecialização delas? Qual a compreensão desses trabalhadores sobre a datificação e a dependência deles das estruturas das empresas de plataformas sociodigitais? Os arranjos são alternativos e independentes de quem, do quê? Nesta pesquisa, entendemos as plataformas não apenas como um ambiente tecnológico, mas também como empresas controladoras de infraestruturas digitais alimentadas por dados e organizadas por algoritmos (Srnicek, 2018; Van Dijck; Poell; De Waal, 2018). Tais empresas centralizam capitais e promovem a dispersão controlada do trabalho promovendo a informalidade e o gerenciamento algoritmo do trabalho (Abilio; Amorim; Grohmann, 2021). Essas empresas concentram recursos naturais, tecnológicos e financeiros (Srnicek, 2018) constituindo monopólios (Antunes, 2023) que moldam a vida social de acordo com suas tecnologias e objetivos.

Para avançar nessa discussão, o artigo está organizado em três partes, além desta introdução. Na primeira parte, apresentamos o percurso metodológico da nova pesquisa⁹ para investigar o que mudou nos arranjos de trabalho dos jornalistas. Na parte dois do artigo, apresentamos os resultados da rodada de levantamento, da nucleação dos perfis e as entrevistas com os representantes de 17 arranjos. Na parte três, fazemos a análise e a discussão dos resultados obtidos. As considerações finais trazem elementos novos da configuração desses arranjos, problematiza as contradições entre dependência e independência e apresenta indicações sobre a continuidade da pesquisa.

2. O percurso metodológico da pesquisa: mapeamento, atualização e nucleação dos arranjos

Nesta etapa, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com base em levantamento documental, sistematização de dados secundários e realização de entrevistas semiestruturadas. O objeto empírico foi constituído por arranjos

alternativos e/ou independentes de comunicação jornalística localizados na capital de São Paulo, originalmente mapeados pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT)¹⁰ a partir de 2016.

A primeira tarefa da pesquisa consistiu na atualização da base de dados composta em 2016 por 70 arranjos de comunicação. Desse total, foram identificados 47 arranjos em funcionamento no ano de 2024. A atualização contemplou informações institucionais, organizacionais, financeiras e jurídicas, incluindo: canais de contato, redes sociais, localização da sede, responsáveis pela iniciativa, tempo de existência, autodeclaração quanto ao caráter jornalístico, presença de marcadores da práxis jornalística, formas de financiamento, situação jurídica, vínculos com movimentos sociais, definição de público, periodicidade de produção de conteúdo e atividades desenvolvidas para além da produção jornalística.

Para aprimorar a organização analítica dos dados, a planilha original foi reestruturada em categorias mais amplas e integradas, agrupadas em: dados institucionais, equipe e organização do trabalho, autodeclaração, financiamento, aspectos jurídicos, públicos, conteúdos e observações. Também foram incorporadas informações sobre a composição das equipes, com destaque para a presença de mulheres em posições de coordenação e para a identificação étnico-racial dos responsáveis, quando as informações estavam disponíveis.

Os 47 arranjos atuantes foram organizados em seis núcleos analíticos, definidos a partir do grau de aderência aos marcadores jornalísticos e das formas de autodeclaração institucional. Essa classificação permitiu ordenar as iniciativas desde aquelas mais próximas dos preceitos tradicionais do jornalismo — como informar, reportar, noticiar e investigar — até aquelas que se identificam prioritariamente como coletivos independentes, sem autodeclaração jornalística.

A definição dos núcleos baseou-se em relatórios de pesquisa e entrevistas previamente realizadas pelo CPCT, bem como nas informações atualizadas no levantamento documental. Esse procedimento possibilitou a análise comparativa entre diferentes modelos de organização, institucionalidade e práticas produtivas no campo da comunicação alternativa.

¹⁰ Realizada com o apoio da Fapesp para o Projeto processo 2022/05714-0, cujo título é: Datificação da atividade de comunicação e trabalho de comunicadores: os embates com as empresas de plataformas digitais. Projeto aprovado pela Plataforma Brasil CAAE n. 79199924.2.0000.5390

Na etapa seguinte, foi realizado um mapeamento detalhado das formas de financiamento adotadas pelos arranjos, considerando diferentes modalidades, tais como: financiamento coletivo recorrente ou eventual, publicidade, conteúdo de marca, editais públicos, apoio de fundações, parcerias com empresas de plataforma (com destaque para o Google News Initiative), venda de produtos, cursos, eventos, assinaturas, membership, micropagamentos e recursos pessoais. Na Tabela 1, a seguir, é possível identificar a diversidade de formas de financiamento e a relevância das linhas de apoio da Google.

TABELA 1 - Formas de financiamento dos arranjos de mídia

Arranjos	Financiament o coletivo recorrente (mensal)	Financiament o coletivo eventual	Conteúdo de marca	Publicidade convencion al (banner)	Editais ou leis de incentivo (financimanet o governamenta l)	Campanhas de financiamento coletivo para projetos específicos (crowdfunding)	Venda de materiais diversos (e- books, cartilhas, manuais, camisetas)	Fundaçõe s	Google	Treinamentos/ cursos	Organização de eventos para captar recursos	Micropagamentos
Núcleo 1	9	8	2	3	3	3	2	3	9	2	3	1
Núcleo 2	4	2				1	1	3	1			2
Núcleo 3	5	3		7	2	2	1	5	1	3	1	1
Núcleo 4				2		1		2	1		1	
Núcleo 5	1		1			1	1	1			1	
Núcleo 6								1				
TOTAL	19	13	3	12	6	7	6	15	12	5	6	4

Fonte: CPCT - Pesquisa Datificação da atividade de comunicação e trabalho de arranjos de comunicadores. 2023-2028.

As informações sobre os diferentes modelos de organização, institucionalidade, práticas produtivas no campo da comunicação alternativa e formas de financiamento foram sistematizadas de modo a permitir a comparação entre os núcleos, partindo da hipótese de que arranjos com maior presença de marcadores jornalísticos apresentam maior diversidade de fontes de financiamento e maior continuidade ao longo do tempo.

2.1. Seleção da amostra e entrevistas

A amostra de entrevistados foi composta por 17 arranjos, selecionados a partir dos seguintes critérios: presença de marcadores jornalísticos, acesso a formas estruturadas de financiamento — especialmente editais públicos, fundações e apoio de empresas de plataforma — com representatividade dos diferentes núcleos analíticos, de modo a garantir diversidade organizacional e produtiva.

No primeiro semestre de 2025, os pesquisadores entrevistaram 17 representantes de arranjos alternativos de comunicação: 1 Papo Reto, Agência Mural, Agência Pública, Barão de Itararé, ÉNois, Envolverde, Farofafá, Geledés, Mobilize Brasil, Nexo, Nós Mulheres da Periferia, Ópera Mundi, Outras Palavras, Papo de Homem, Periferia em Movimento, Repórter Brasil e Volt Data Lab. As entrevistas foram realizadas de forma presencial ou on-line,

gravadas mediante consentimento dos participantes e posteriormente transcritas na íntegra. Os encontros presenciais ocorreram, em sua maioria, nos próprios ambientes de trabalho dos arranjos. As entrevistas on-line, por sua vez, apresentaram maior objetividade em função da mediação tecnológica.

O objetivo das entrevistas foi investigar como os profissionais de comunicação, que desenvolvem seus próprios arranjos para o exercício da profissão, atuam nas lógicas de subsunção do trabalho humano vivo, pressupostas no uso das ferramentas digitais das empresas de plataformas em suas rotinas produtivas, considerando que, nas mídias digitais, a comunicação precisa do trabalho desses profissionais. A principal pergunta a que buscamos responder neste processo de investigação foi: “como e por quais meios as empresas de plataformas sociodigitais capturam o trabalho vivo de quem atua nos arranjos de comunicação?”.

Com isso em consideração, formulamos um roteiro semiestruturado dividido nos seguintes eixos temáticos: vínculos e funções; impactos na atividade; e segurança dos dados. O primeiro eixo, sobre vínculos e funções, teve o objetivo de obter informações sobre o entrevistado(a), a organização em que trabalha e sua relação com ela, bem como com outros profissionais. No roteiro, constavam questões sobre formação, modelo de trabalho, regime de contratação, atividades e rotina de trabalho, e ferramentas digitais utilizadas no fluxo de produção.

O segundo eixo, impactos na atividade, visava compreender como as ferramentas digitais transformam a rotina produtiva dos comunicadores dos arranjos, com perguntas sobre métricas e análise de dados, otimização de buscas no ranqueamento de conteúdo por meio de palavras-chave, uso de inteligência artificial, relação entre rotina de trabalho e de vida com o uso de ferramentas, e identificação de padrões de registros e captura de dados.

O terceiro eixo é voltado para o entendimento de como ocorre o controle de dados nos arranjos, abordando a leitura de termos de uso dos softwares e aplicativos, o conhecimento dos comunicadores sobre a captura de dados e metadados pelas plataformas a partir das atividades, e os usos e análise dos dados capturados. Por fim, o quarto eixo abrange as informações concernentes à segurança dos dados, quais eram as formas de segurança, de proteção e de acesso a dados pessoais ou profissionais no ambiente laboral.

Alguns arranjos selecionaram mais de uma pessoa para ser entrevistada, em razão do tipo de atividade de trabalho desempenhado. Os entrevistados receberam um termo de

compromisso assinado pela coordenação da pesquisa, explicitando os objetivos, os métodos e as hipóteses da investigação. Também assinaram um termo de consentimento esclarecido sobre a concessão da entrevista e o uso dela para a pesquisa

Todas as entrevistas foram tabuladas em uma planilha segundo temas, como: função e formação do entrevistado; formato da organização do trabalho; regime de contratação; cargos e/ou funções das equipes; redes sociais em que atuam e/ou divulgam conteúdo; softwares usados para a produção e/ou circulação de conteúdo; softwares utilizados para comunicação interna e gestão do trabalho e da equipe; habilidades, competências e formação para o uso de softwares; uso de métricas e aplicação de técnicas de SEO; uso de inteligência artificial para produzir conteúdo e/ou gerir o trabalho; leitura dos termos de uso de softwares e plataformas; preocupação com a segurança dos dados – incluindo como entendem os dados capturados pelas plataformas e quais medidas adotam para protegê-los.

3. Resultados

3.1. Arranjos de trabalho jornalístico plataformizados

No que diz respeito à formação das equipes, observamos um cenário de redações multiprofissionais, com jornalistas, publicitários, designers e outros profissionais cujas atividades de trabalho são correlatas à área de comunicação e que, com frequência, acumulam tarefas que outrora eram executadas por trabalhadores formados em campos disciplinares distintos. Por exemplo, hoje uma mesma pessoa escreve o texto e o transforma em conteúdo de rede social ou o diagrama em layout, sendo que, antigamente, provavelmente três profissionais diferentes atuavam nesses processos. Além disso, concluiu-se que as equipes contam não só com especialistas tradicionalmente situados na comunicação, mas também com programadores, engenheiros de dados e desenvolvedores. Ademais, parte delas é focada na área administrativa e na captação de recursos. Pode-se observar um processo de modificação na divisão do trabalho, que inclui a eliminação de funções e transferência de atividades para repórteres e editores que passam a desempenhar suas tarefas num contexto de multifuncionalidade e multimidialidade (Mick; Kikuki, 2020). Também está em curso a desespecialização profissional, entendida como a redefinição de limites entre as profissões no campo da comunicação e a instituição de novos saberes determinada pela reorganização das

forças produtivas e pela incorporação de tecnologias que possibilitam a realização de um trabalho polivalente (Nonato; Pachi Filho; Marques da Silva; Caliari; Aiello, 2025)

Aspecto relevante é a busca pela diversificação de formas de sustentação. Embora fundações nacionais, internacionais e a Google tenham forte presença na sobrevivência financeira dessas iniciativas, não se pode obscurecer o esforço que realizam para ampliar formas de subsistência em modelos de apoio por assinaturas de leitores, financiamento coletivo, venda de serviços, publicidade tradicional etc. como ficou demonstrado na Tabela I. Esse esforço exige que as equipes se organizem de forma a também destacar pessoas para prospectar formas de financiamento. Boa parte do trabalho desses profissionais é dedicado a buscar editais e a preparar projetos para concorrer às verbas anunciadas.

TABELA 2 - Uso das ferramentas das empresas de plataformas		
Plataformas	Softwares usados para produção	Quem utiliza
Pacote Google (Google/Alphabet)	Gmail, Google Drive; Google Docs; Google Forms; Google Meet; Google AdSense; Google Analytics, Google Agenda, Google Sheet, Gmini, Notebook LM; Google Pinpoint; Google Trends	Todos os 17 arranjos
Pacote Office (Microsoft)	Microsoft Word, Excel, Power Pont, Outlook, Teams, OneDrive, Ferramenta para criação e manutenção de sites online	4 dos 17 arranjos
Wordpress		9 dos 17 arranjos
Canva, Pacote Adobe, CapCut e Coreldraw, BeFunky, InShot e GIMP; StreamYard, Mlabs, MailChimp.	Ferramentas paracriação ou edição de fotos e vídeos	9 arranjos
Linktree, Substack, ButtonDown e Deliverit; ChatGPT, DeepSeek, FluxAI, VidIQ	Ferramenta de transmissão ou distribuição de conteúdo	8 arranjos
EvenLabs, Google Gemini e Google Notebook LM	Inteligência Artificial	14 arranjos
Fonte: CPCT - Pesquisa Datificação da atividade de comunicação e trabalho de arranjos de comunicadores 2023-2029		

De certa forma, os profissionais que integram esses arranjos são levados a assumirem práticas de empreendedorismo e a romperem as barreiras entre setores editoriais e comerciais, integrando às suas multifunções o desenho de modelos de negócios e estratégias para a sustentabilidade econômica dos arranjos (Paulino; Xavier, 2015; Silveira; Ramos, 2022)

Para a produção e circulação de conteúdo (Tabela II) são usadas diversas plataformas, mas a mais popular é o Google Workspace. Todos os arranjos afirmaram trabalhar com as ferramentas do Google, sendo mencionados Gmail, Google Drive, Google Docs, Google Forms, Google Meet, Google AdSense, Google Analytics, Google Agenda, Google Sheets, Gemini, Notebook LM, Google Pinpoint e Google Trends. Para a comunicação e gestão, o Google também foi predominante em 13 arranjos, que acessam o Google Meet, Gmail, Google Agenda, Google Drive, Google Docs, Google Sheets, Google Analytics e Google Apresentações em sua rotina produtiva. Empatado com os recursos do Google, o WhatsApp é visto como uma importante plataforma nas interações do dia a dia. As maneiras de produzir, circular e consumir os produtos gerados pelo trabalho dos jornalistas são configuradas por estes instrumentos e empresas (Antunes; Filgueiras, 2020), que sobredeterminam as atividades de comunicação e trabalho em função de seus recursos tecnológicos e de suas estratégias de captação de dados, ou seja, é necessário reestruturar a produção para que ela também atenda aos ditames da indústria de dados, crucial para o desenvolvimento do modelo de negócios dessas empresas que se organizam para extrair e utilizarem dados gerados por usuários no interior das plataformas e dispersos na web (Helmond, 2019).

Em vista disso, identificamos que a maioria dos arranjos aplica técnicas de SEO e métricas para a produção e divulgação de seus conteúdos. Conforme demonstra o Tabela 3, os arranjos investem em formação para o uso dessas ferramentas. Os treinamentos são ofertados pelas empresas e estão disponíveis nos espaços específicos para treinamentos de usuários.

Cumpre ainda destacar que essas empresas se apresentam como “parceiras” das iniciativas jornalística, oferecendo apoio tecnológico, financeiro e auxiliando na formação de profissionais para reconfiguração desejada para o jornalismo (Christofoletti, 2025)

Entretanto, os participantes manifestaram um sentimento de desconforto por utilizá-las, pois não acreditam que contribuam para a melhoria do conteúdo jornalístico, somente para a sua relevância nos regimes de visibilidade dos sites e a monetização da informação. Ao mesmo tempo, os participantes que não põem em prática as técnicas de monitoramento de métricas das redes sociais manifestaram dúvidas e incômodos pelo não uso e disseram que gostariam de monitorar as redes como forma de engajar notícias de qualidade a respeito de temas de grande repercussão.

Tabela 3 - Treinamento para uso de ferramentas digitais	
Treinamentos Específicos (para uso de softwares de organização, produção do pacote Google)	11
Habilidades adquiridas no uso (uma pessoa da equipe se responsabiliza por aprender sobre o software e repassa o aprendizado para o restante do grupo)	6
Fonte: CPCT - Pesquisa Datificação da atividade de comunicação e trabalho de arranjos de comunicadores. 2023-2028	

Sobre o uso de inteligência artificial, dos 17 arranjos, um total de 14 afirmaram lançar mão de suas funcionalidades em, pelo menos, um processo de produção do material jornalístico, conforme demonstra a Tabela 4.

Tabela 4 - Uso de Inteligência Artificial para produção de conteúdos	
Utilizam em alguma etapa do processo de produção do material jornalístico	14
Não utilizam	3
Fonte: CPCT - Pesquisa Datificação da atividade de comunicação e trabalho de arranjos de comunicadores. 2023-2028	

Na fala dos participantes, foi relatado que a inteligência artificial comumente apoia a construção de entrevistas, revisões de texto, tradução, transcrição e outras etapas da produção do material jornalístico, mas não é criadora primária de conteúdo. Em outros contextos, a inteligência artificial é vista como forma de acessibilidade. Além disso, apenas um arranjo pontua diretrizes institucionalizadas de uso pela equipe, ao passo que os demais destacam que a redação a utiliza de forma individual e informal, sem que isso seja controlado pelo veículo. Aspectos positivos mencionados relacionam-se, portanto, a ganhos de produtividade em atividades que até há pouco tempo eram realizadas por jornalistas ou demais profissionais. Os entrevistados, porém, rejeitam o uso de IA para o cerne da produção jornalística, procurando reservar para si esta prerrogativa. Em suma, aceitam o uso dessas tecnologias com restrições, mas não abordam diretamente efeitos negativos dessas tecnologias (Vasconcellos; Escóssia, 2026)

Quanto à leitura dos termos de uso estabelecidos pelas plataformas digitais, a maioria não a faz. Somente três entrevistados leem pontos específicos e outros três leem na íntegra. Pode-se interpretar que esses documentos são formalidades que resguardam as plataformas de responsabilidade e autorizam a ação dessas empresas na captura, processamento e tratamento de dados. Os jornalistas, assim como demais usuários, não podem optar por não concordar com todos as condições sem prejuízo do uso dos serviços. A adesão irrestrita a estes termos é condição necessária para adentrar na ordem sociodiscursiva e seguir a gramática das plataformas.

Finalmente, os comunicadores afirmaram que há uma preocupação com a segurança dos dados dos profissionais e da organização, mas a maioria das ações desenvolvidas se relaciona à verificação em duas etapas. Em geral, os dados considerados sensíveis são pessoais, como nome, e-mail, endereço e afins, e os comunicadores têm mais preocupação com os dados sensíveis de suas fontes do que com os seus próprios. Também é interessante destacar que os veículos consideram que, se trabalhassem com jornalismo investigativo, necessitariam de mecanismos de segurança de dados mais sofisticados, fazendo uma distinção entre um jornalismo “comum” e o investigativo. Observa-se que a preocupação com os dados é relativa e não determinante para o acesso e o uso dessas plataformas. Os entrevistados têm consciência de que seus dados são armazenados, porém o risco de violações não é um fator impeditivo para integrar esses ambientes digitais, que se configuram como meios de produção do trabalho jornalístico.

3.2. Emergem as contradições entre a plataformização e a aspiração por um jornalismo independente

Os discursos dos entrevistados indicam que os arranjos de comunicação analisados desenvolvem suas atividades em um ambiente de trabalho fortemente dependente de plataformas digitais. Nessas iniciativas, a produção jornalística, a organização do trabalho e as estratégias de sustentabilidade acontecem de forma integrada, sem fronteiras claras entre essas dimensões. As ferramentas das plataformas digitais não são utilizadas apenas para divulgar conteúdos, mas participam direta e integradamente da organização das rotinas, da definição de prioridades editoriais e da gestão do trabalho cotidiano. São necessárias para as atividades de trabalho e já se tornaram parte integrante do modo de produção no estágio atual do capitalismo.

3.3. Organização do trabalho e composição das equipes

Os resultados mostram que o tamanho e a composição das equipes influenciam diretamente a regularidade das atividades dos arranjos. Iniciativas com equipes maiores e mais estáveis conseguem manter uma produção contínua, diversificar formatos e lidar com as demandas técnicas associadas às plataformas digitais. Nesses casos, o trabalho jornalístico envolve, além da apuração e da redação, atividades ligadas ao audiovisual, ao design, à edição, à publicação e ao acompanhamento de audiência num movimento de expansão das competências requeridas para os profissionais num contexto de multifuncionalidade e polivalência, que, portanto, não se reflete necessariamente na criação de atividades profissionais especializadas.

Em alguns arranjos, há profissionais com formação em tecnologia, responsáveis por tarefas como manutenção dos sites, ajustes técnicos e cuidados com a segurança digital. Em outros, essas funções são acumuladas por jornalistas ou colaboradores sem formação específica, o que tende a sobrecarregar as equipes. Também se observam diferentes formas de organização interna: enquanto alguns arranjos operam com estruturas mais centralizadas, outros funcionam de maneira distribuída, apoiando-se em redes de colaboradores e articulações territoriais, indício da instabilidade e flexibilidade das rotinas produtivas modificadas abruptamente sem que tenha havido consolidação das práticas e da própria organização do trabalho.

3.4. Plataformas digitais, métricas e visibilidade

O uso de plataformas digitais é recorrente em todos os arranjos analisados. Redes sociais e ferramentas de gerenciamento de conteúdo e audiência são consideradas fundamentais para alcançar o público e garantir visibilidade. Os entrevistados demonstram familiaridade com indicadores como alcance, engajamento e número de visualizações, e relatam o uso de estratégias de publicação voltadas para esses critérios. Pode-se concluir que o modelo preconizado pelas plataformas digitais já foi assimilado pelos profissionais que buscam operá-lo no seu dia a dia, conformando-se às novas formas do fazer jornalístico.

Ao mesmo tempo, as entrevistas revelam uma relação ambivalente com as métricas. Embora reconheçam sua importância, os entrevistados expressam preocupações quanto ao impacto dessas lógicas sobre as escolhas editoriais. Há receio de que a busca por maior alcance leve à priorização de conteúdos mais facilmente “performáveis” nas plataformas, em

detrimento de temas considerados relevantes para os públicos e territórios de atuação dos arranjos. Assim, a visibilidade ampliada nem sempre é percebida como sinônimo de fortalecimento do vínculo com as comunidades atendidas.

3.5. Uso da Inteligência Artificial (IA)

Em relação à inteligência artificial, os resultados apontam para diferentes níveis de incorporação. Parte dos arranjos utiliza ferramentas de IA em tarefas específicas, como revisão de texto, organização de informações ou apoio a processos técnicos. Outros optam por não utilizar essas ferramentas diretamente na produção de conteúdo, especialmente em atividades consideradas centrais ao trabalho jornalístico.

Apesar dessas diferenças, observa-se que a Inteligência Artificial está presente de forma indireta no cotidiano de trabalho, uma vez que as plataformas utilizadas incorporam sistemas automatizados que influenciam a distribuição dos conteúdos e a leitura das métricas. Dessa forma, mesmo os arranjos que não adotam explicitamente ferramentas de IA lidam com seus efeitos nas rotinas produtivas, ou seja, a IA passa a integrar as rotinas e tende a ser aceita como ferramenta que contribui para a produtividade e, conseqüentemente, para a redução de custos, já que aspectos relativos à sustentabilidade econômica devem ser integrados ao modelo proposto pelas empresas de plataformas.

3.6. Dados, ferramentas digitais e segurança

Os resultados indicam que os jornalistas dos arranjos têm consciência de que o uso de ferramentas digitais envolve coleta e circulação de dados. A utilização de pacotes integrados de ferramentas, especialmente aquelas vinculadas a grandes empresas, é recorrente e facilita a organização do trabalho, a publicação de conteúdos e o acompanhamento da audiência.

No entanto, as práticas de segurança digital relatadas são, em geral, limitadas a procedimentos básicos, como o uso de senhas fortes e a verificação em duas etapas. Poucos arranjos mencionam estratégias mais avançadas de proteção de dados ou discussões internas sistemáticas sobre o tema. Essa situação sugere que, embora haja percepção dos riscos, as possibilidades concretas de enfrentamento são restritas pelas condições materiais e pelo volume de trabalho cotidiano.

No geral, os resultados apontam que os arranjos analisados constroem estratégias práticas para operar em um ambiente fortemente mediado por plataformas digitais. Essas

estratégias incluem a reorganização das equipes, a incorporação de múltiplas funções ao trabalho jornalístico e o uso constante de métricas para orientar a circulação dos conteúdos.

Ao mesmo tempo, os dados revelam limites estruturais enfrentados por essas iniciativas, como a dependência de plataformas externas, a sobrecarga das equipes e as dificuldades para garantir maior autonomia tecnológica e segurança digital. Os resultados evidenciam, assim, um cotidiano de trabalho marcado por adaptações permanentes, negociações e escolhas pragmáticas diante das condições impostas pelas infraestruturas digitais.

4. Discussão: independente, alternativo e periféricos no entrelaçamento com as empresas de plataformas digitais

Camila Camargo Acosta (2024), em sua tese de doutorado, estudou a filantropia internacional que financia jornalismo alternativo e independente no Brasil. A autora discute as linhas de fomento, os editais e os enquadramentos que o financiamento dirige à gestão da iniciativa jornalística. Essa linha de investigação enfrenta barreiras desde a carência de literatura na área até a dificuldade de recuperar informações fidedignas nos relatórios dessas fundações. Embora haja o levantamento da existência desses investimentos, as declarações sobre as motivações que justificam essa linha de fomento em países pobres hesitam enveredando para a defesa da democracia e para a informação de qualidade. Mas, estariam mesmo interessadas na democracia entidades como Open Society, Fundação Ford, Luminate entre outras? O mesmo acontece com a Google e seus programas e ferramentas destinadas ao jornalismo. O objetivo declarado do programa Google News Initiative de transformar o jornalismo no mundo e torná-lo de mais qualidade e sustentável, é uma afirmação forte para uma empresa que concentra o poder econômico e de patentes como ela.

Esse enquadramento mais geral sobre as políticas de fundações internacionais e empresas de plataformas, financiando jornalismo popular, alternativo, independente, periférico, local etc. em países do Sul Global (não só) é uma questão que precisa ser mais bem debatida bem como verificado os efeitos que essas ações têm causado ao jornalismo desses países e localidades.

Os arranjos alternativos e independentes do trabalho estão sob essa mesma lógica: dependem das ferramentas digitais e vários deles das linhas de apoio de fundações e empresas de plataformas aos projetos de jornalismo, cultura e cidadania que executam. O discurso que

emerge por parte dessas instituições é o de apoio, qualidade jornalística, resiliência dos movimentos sociais etc., efetivamente influenciando as formas da organização do arranjo que passa a ser viabilizado como espaço de trabalho e sustentação das equipes por meio de uma gestão profissionalizada. Ou seja, o discurso sobre a competência de gestão do empreendimento insere-se na rotina do trabalho de jornalistas e comunicadores. É o primeiro passo para determinar as pautas a serem cobertas, os projetos a serem assumidos. Quando essa relação se estabelece por muito tempo com as mesmas instituições, pode haver o risco de direcionamento das pautas de acordo com as linhas de financiamento. Esse é o principal aspecto para pensarmos a relação de independência e de alternatividade. Os editais públicos, embora tratem de linhas temáticas de financiamento, podem se configurar em espaços mais abertos de produção. Mas essa investigação precisa ser realizada.

4.1. Usos das ferramentas: as *affordances* prescrevendo o trabalho

A literatura internacional que trata do tema da dependência ou autonomia do jornalismo em relação às empresas de plataformas como, por exemplo, Google, Meta, Microsoft e Amazon discute como o poder tecnológico concentrador dessas empresas atua na oferta de ferramentas e aplicações para uso na produção midiática e jornalística e como essas ferramentas digitais como *affordances* moldam os processos jornalísticos. Papa e Kouros (2023) estudam a influência das *affordances* de Facebook e Google no trabalho jornalístico. Eles afirmam que essas plataformas atuam de maneira estrutural de poder de rede, podendo, por meio de suas *affordances*, moldar e alterar padrões dos quais outros dependem. Para os autores: “As tecnologias das plataformas e as suas possibilidades estão no centro dos debates em curso sobre como o jornalismo é afetado e influenciado por elas” (idem, p. 3).

Essa discussão não é nova. O jornalismo foi afetado mundialmente por essas empresas e suas lógicas de controle dos dados gerados pelo trabalho jornalístico e as informações geradas pela circulação de produção noticiosa. Os arranjos de trabalho alternativos e independentes de jornalistas e comunicadores não estão à parte dessa realidade. Ao contrário, como a pesquisa demonstrou, são altamente dependentes das lógicas dessas ferramentas cuja forma de uso está implicada em um modelo de fazer; um fazer que não tem como ponto de partida o jornalismo como produção de interesse público, fundamental para o exercício da cidadania no contexto das sociedades capitalistas. Suas lógicas operacionais de ferramenta priorizam a captura de dados e do registro das atividades, a velocidade da circulação com finalidades de monetização

e publicidade. Diferente da empresa analógica, não há um departamento de marketing que negocie com a redação os interesses de mercado; esses interesses estão agora incorporados e prescritos nas formas de usar as ferramentas oportunizadas.

Para além das ferramentas e dos financiamentos direcionados ao jornalismo alternativo e independente, e ao jornalismo de forma geral no mundo, essas mesmas empresas - Google, Meta, Microsoft e Amazon - controlam boa parte das operações de computação em nuvem e de infraestrutura capaz de suportar as operações com dados. Pesquisadores, vinculados aos estudos sociotécnicos, como Sjøvaag, Ferrer-Conill e Olsen (2025) destacam a relevância das regulações locais para regerar as operações dessas empresas quando o assunto é informação. Para os autores, a dependência de infraestrutura que o jornalismo enfrenta inclui, assim, dados – ser capaz de armazenar, processar, acessar e proteger informações; distribuição – ser capaz de transmitir conteúdo para atingir públicos; e jurisdição regulatória – até que ponto as autoridades são capazes de colocar demandas regulatórias sobre esses serviços essenciais. (idem, p.1135-36)

Essa realidade açambarca a autonomia dos arranjos alternativos e independentes de trabalho de jornalistas. Escapar dessa lógica não pode ser uma empreitada individual e de nicho. Trata-se da organização e da movimentação da sociedade civil em defesa da regulação da atividade de comunicação que exercem e monopolizam Google e Meta, principalmente. O deslumbramento tecnológico, retomando Álvaro Vieira Pinto (2005), é a maior doença que assola não só a população, mas, sobretudo, uma ‘elite’ intelectual e científica que perdeu qualquer compromisso com os valores humanistas e da cidadania.

4.2. Uso da IA no jornalismo alternativo e independente

Os profissionais dos arranjos jornalísticos usam IA em diferentes atividades e no processo produtivo da informação. O espírito é o da descoberta, da facilidade e da produtividade. Ainda não há reflexão sobre as implicações desse uso na qualidade do trabalho ofertada aos leitores. Há também dúvidas e receios, busca por aprendizados e trocas de experiências. É importante acompanhar como se desenvolvem esses usos tendo em vista o compromisso ético com os leitores.

Cabe lembrar que o uso da IA é quase um imperativo, pois foi incorporado como parte das *affordances* implicadas em dispositivos como WhatsApp, em software como o word, e em todo o pacote do Google Workplace. Porque a IA foi tão rapidamente assimilada e tornou-se

onipresente em todos os softwares é mais uma questão para se refletir sobre a captura de informações com finalidades comerciais próprias às empresas, aumentando o poderio e o controle dessa cadeia produtiva sobre o setor da comunicação e do jornalismo.

Sjøvaag, Ferrer-Conill e Olsen (2025) destacam que a relevância da inteligência artificial no processamento e distribuição do jornalismo digital tem chamado cada vez mais atenção para a dependência do jornalismo das empresas de plataformas já citadas

4.3. Os dados do trabalho: desconsideram que o saber fazer do trabalho é informação de interesse para as plataformas

Ler ou não ler os termos de uso das empresas, na prática, resulta no mesmo: entregar as informações de suas atividades, sem ter clareza de nada sobre qual será o uso que se fará delas. É fato que os dados têm valor para o capital. O mercado de dados impulsiona diferentes cadeias produtivas e sobretudo aquelas que dominam as tecnologias capazes de efetuar a captura, armazenamento e tratamento deles. Operar com dados é a máxima para o funcionamento do capital. Gestão de dados, jornalismo de dados, operações com dados etc. etc. É como se nunca as atividades humanas produtivas tivessem atuado a partir dos dados e das informações das pessoas. Mas, os profissionais dos arranjos alternativos e independentes não têm ideia de quais dados do trabalho são capturados e para que servem. Não haviam pensado no tema.

Philip E. Agre em seu clássico artigo *Surveillance and capture: Two models of privacy*, de 1994, discute a vigilância e a captura como dois modelos complementares para o controle do valor da privacidade. Se a vigilância tem uma tradição na política, no poder dos Estados; a captura como filosofia apresenta-se mais asséptica e moderna, sobretudo, a partir dos dispositivos tecnológicos voltados para tal finalidade. Dessa maneira, o autor deslinda a naturalidade da captura de dados como algo inevitável. Agre estudou a captura dos dados do trabalho e a pujança das informações do trabalho na reconfiguração dos processos produtivos e nas inovações. Pasquinelli, por exemplo, em *Eye of Master*, 2023, nos dá um percurso histórico da captura das informações do trabalho e do saber do trabalho até chegarmos à inteligência artificial. Esses e outros estudos que começamos a adentrar corroboram nossa tese da datificação da atividade de trabalho.

O saber fazer do trabalhador sempre foi um valor a ser buscado, capturado e transformado em ferramenta, em norma, na organização do processo produtivo. Com as

tecnologias digitais essa captura se dá em tempo real e tem valorizado o capital a partir de novos produtos. Tudo isso sem dar crédito aos trabalhadores, na verdade, desvalorizando o trabalho vivo, transformado em trabalho morto ou ainda mais precarizado. O trabalho de jornalistas está mais uma vez na mira da desvalorização profissional.

Considerações finais

O jornalismo de arranjos alternativos e independentes mudou de sentido daquele que foi estudado no período de 2016 a 2018. Hoje os arranjos, um pouco mais estáveis, mais vinculados a financiamentos institucionalizados, dependentes da plataformização, com o trabalho datificado querem fazer seu trabalho buscando causas e engajamento de seus públicos no material que produzem. Querem trabalhar com o que gostam, sofrem para manter o dia a dia de trabalho excessivo e têm uma agenda vinculada a participações e mobilizações de seus territórios e causas. São mais que jornalistas, são multiprofissionais. Resistem com uma linha editorial progressista, democrática e de defesa dos direitos da cidadania.

Apesar de toda a dependência de ferramentas digitais e financiamentos, eles e elas resistem para manter a dignidade de seu trabalho. Fazem isso defendendo causas de interesse amplo e democrático. Inventam e inovam o tempo todo, não só criando pautas, mas na maneira de executá-las. Dispõem de poucos recursos e relações de trabalho mais horizontalizadas ajudam a otimizar custos e continuar na batalha. Poucos têm consciência da apropriação e uso que as empresas de plataforma fazem do seu trabalho, fato que nos leva à terceira etapa da pesquisa.

Por fim, a continuidade da pesquisa desenvolve um dispositivo técnico para demonstrar como se dá a datificação do trabalho dos profissionais dos arranjos jornalísticos. Essa etapa tem um outro percurso metodológico, adentra em um campo teórico em que as atividades de trabalho são conformadas pela interação humano-computador (IHC) e exigem uma conceituação que dê visibilidade à atividade de trabalho sendo registrada, capturada e transformada em dados. Portanto, há novos desafios possibilitados pela ancoragem da pesquisa no binômio comunicação e trabalho. Para concluir, a finalidade desse experimento é provar a captura de dados do trabalho e oferecer aos trabalhadores elementos comprobatórios para fortalecer reivindicações de financiamento e fomentar políticas públicas para a regulação da captura dos dados do trabalho pelos modelos de negócio das empresas-plataformas.

Referências

- AGRE, P. E. (1994). Surveillance and capture: Two models of privacy. *The Information Society*, 10(2), 101–127, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01972243.1994.9960162>
- CHARON, J., DE BONVILLE, J. **Natureza e transformação do jornalismo** (1a ed.). Florianópolis: Insular, 2016.
- CERVERA-MARZAL, M. Un échange de bons procédés: Analyse des transactions entre journalistes et militants d'un collectif de désobéissance civile. **Terrains & travaux**, 27, 193-21, 2015. <https://doi.org/10.3917/tt.027.0193>
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ameaças das plataformas digitais ao jornalismo: contributos para a regulação. **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 39, n. 113, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/8hHNLm7tdB5HBvYQr5tNd3l>. Acesso em: 11 fev. 2026.
- FERRON, B. Professionnaliser les « médias alternatifs »: **Enjeux sociaux et politiques d'une mobilisation (1999-2016)**. *Savoir/Agir*, 38, 21-28, 2016. <https://doi.org/10.3917/sava.038.0021>.
- FILGUEIRAS, Vitor; ANTUNES, Ricardo. Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. In: ANTUNES, R. (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0..** São Paulo: Boitempo, 2020, p.59-78.
- FIGARO, R. Atividade de comunicação e de trabalho. *Trabalho, educação e saúde*, v. 6, n. 1, p. 107-145, mar./jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v6n1/07.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- FIGARO, R. (org.) As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia. São Paulo: ECA-USP, 2018. Disponível em: https://comunicacaoetrabalho.eca.usp.br/publicacoes_cpct/as-relacoes-de-comunicacao-e-as-condicoes-de-producao-no-trabalho-de-jornalistas-em-arranjos-economicos-alternativos-as-corporacoes-de-midia-2/.
- JORGE FILHO, José Ismar Petrola. Jornalismo alternativo ontem e hoje: histórico e esboço de uma definição. In: 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2018, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, 2018. p. 01-15
- SJØVAAG, Helle; FERRER-CONILL, Raul; OLSEN, Ragnhild Kr. Capture Beyond the Platforms: The Material and Infrastructural Conditions for Digital Journalism, **Digital Journalism**, 13:7, 1331-1350, 2025. DOI: 10.1080/21670811.2024.2377078
- HELMOND, Anne. A plataformização da web. In: OMENA, Janna Joceli. (ed.). **Métodos Digitais: teoria-prática-crítica**. Lisboa: Instituto de Comunicação da Nova Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade NOVA de Lisboa, 2019. p.49-72
- KIKUTI, A. (2025). Lentes femininas para observar o jornalismo em crise. **Brazilian Journalism Research**, 21(3), e1785. DOI: 10.25200/BJR.v21n3.2025.1785.
- MICK, Jacques; KIKUTI, Andressa. O mundo do trabalho de jornalistas no Brasil: uma agenda de pesquisa. Plural: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 213-239, 2020 DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2020.179830>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/179830/167185>. Acesso em: 10 fev. 2026.

- NONATO, Cláudia; BULLA, Olívia. Estudos do Jornalismo: reafirmação do status quo ou busca por arranjos alternativos? **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 7–20, 2016. DOI: 10.5752/P.2237-9967.2015v4n1p7-20. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/11355>. Acesso em: 10 fev. 2026.
- LUKACS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MICK J.; TAVARES, L. M. A governança do jornalismo e alternativas para a crise. **Brazilian Journalism Research**, 13 (2), p. 120–145. DOI: 10.25200/BJR.v13n2.2017.948.
- NONATO, C. PACHI FILHO, F. FIGARO, R. Relações de comunicação em novos arranjos alternativos e modelos de produção da notícia. **Revista Líbero**. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, n. 41, 2018.
- NONATO, C.; PACHI FILHO, F.F. SILVA, A.F.M.; CALIARI, T.; AIELLO, T. Desespecialização, novos saberes e quebra de fronteiras: o trabalho dos comunicadores a partir do mapeamento de artigos do Intercom (2019-2013). **Comunicação & Inovação**, [S. l.], v. 26, e20259812, 2025. DOI: 10.13037/cd.vol 26.20259812.
- FIGARO, R.; NONATO, C. (Org.) **Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil**: organização, sustentação e rotinas produtivas São Paulo: ECA-USP: Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021
- PACHI FILHO, Fernando Felício; MOLIANI, João Augusto. Efeitos de sentido da autoria na pesquisa em comunicação alternativa no Brasil. In: XXVI Encontro Anual da Compós, 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, 2017. p. 01-20
- PAPA, Venetia; KOUROS, Theodoros. Do Facebook and Google care about journalism? Mapping the relationship between affordances of GNI and FJP tools and journalistic norms. **Digital Journalism**, v. 11, n. 8, p. 1475-1498, 2023.
- PASQUINELLI, Matteo. **The Eye of the Master: A Social History of Artificial Intelligence**. London: Verso Books, 2023
- PAULINO, Fernando Oliveira; RODRIGUES XAVIER, Aline. Jornalismo sem fins lucrativos: transição, sustentabilidade, expansão e independência. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v. 10, n. 1, p. 154–168, 2015. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/163>. Acesso em: 11 fev. 2026.
- POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. **Plataformização** (Platformization, 2019 – tradução: Rafael Grohmann). *Revista Fronteiras – estudos midiáticos* 22(1):2-10 janeiro/abril 2020. Unisinos – DOI: 10.4013/fem.2020.221.01.
- PERUZZO, C. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaborações no setor. **Revista Palabra Clave**, v. 2, 2008.
- ALVES DA SILVA, Marcelli; OLIVEIRA DOS SANTOS, W. Jornalismo independente em pesquisas da comunicação: um estado da arte. *Revista Alterjor*, 28(2), 696-713., 2003. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-1507.v28i2p696-713>
- SILVEIRA, Stefanie Carlan da; COSTA RAMOS, Alessandra Natasha. Sustentabilidade dos arranjos jornalísticos empreendedores no Brasil: um estudo de sete nativos digitais. **Pesquisa em jornalismo brasileiro**, [S. l.], v. 2, pág. 290–315, 2022. DOI: 10.25200/BJR.v18n2.2022.1496. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1496>. Acesso em: 11 fev. 2026.

SJØVAAG, Helle; FERRER-CONILL, Raul; OLSEN, Ragnhild Kr. Capture beyond the platforms: the material and infrastructural conditions for digital journalism. *Digital Journalism*, p. 1-20, 2024.

SEBBAH, Brigitte; SIRE, Guillaume, SMYRNAIOS, Nikos. Jornalismo e plataformas: da simbiose à dependência », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre o jornalismo* [En ligne, online], Vol 9, n°1 - 2020, 15 juin - June 15 - 15 de junho. URL: <http://www.surlejournalisme.com/rev>

SOUZA, R. B. A dialética da crise do jornalismo: O sociometabolismo do capital e seus limites estruturais. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 41(2), p. 55–69, 2018. DOI: 10.1590/1809-5844201823

SRNICEK, Nick. *Capitalismo de plataformas*. Tradução de Aldo Giacometti. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

VASCONCELLOS, F.; DA ESCÓSSIA, F. Como jornalistas brasileiros percebem o impacto das tecnologias emergentes. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, e48558, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2026.1.48558>. Acesso em: 11 fev. 2026.